A imagem tem se transformado de forma tão ubíqua que desenvolvemos a impressão fática de que vivemos nela.(...) Nosso mundo tem se conformado dentro de uma imagem de complexidade holográfica, mas imagem no fim.”

Vik Muniz

FANATISMO E SEGREDO DAS IMAGENS: SEUS EFEITOS

A FUNÇÃO OMNIVOYEUR DAS TELAS

Acentuaremos o termo de “Função”. Tal qual Lacan o utiliza no Seminário 19. Ali ele destaca o valor do lugar vazio no qual será inscrito o argumento que o satisfaça. Colocaremos as reticências em localizar a função, no modo em que as imagens impactam no corpo e podem ser operativas na nossa prática analítica.

Na nossa proposição inicial tomamos como argumento “O omnivoyeur das telas”, frase em consonância com o império das imagens que nos ocupa. Mas interrogamos qual é a função na singularidade de cada caso na nossa prática atual. O vazio faz referencia a moralismos e nostalgias que sabe-se somente conduziriam ao pior.

Partimos da afirmação de Lacan no Seminário 11, hoje quase sua profecia: “O mundo é omnivoyeur”[[1]](#endnote-1). Ali Lacan retoma a afirmação de Merleau Ponty em sua tese “somos seres olhados no espetáculo do mundo”[[2]](#endnote-2), assinalando que este é o ponto essencial na teoria do filósofo, “na minha existência sou olhado desde todas partes.”[[3]](#endnote-3) Lacan cambia a lógica da dialética das concepções clássicas acerca da percepção ao introduzir o pulsional. Já não se trata da dialética entre o sujeito e o mundo. Entre o sujeito e o objeto que tem em sua frente. Lacan o inverte com seu objeto mirada, que já não está na sua frente, senão fora do campo escópico; assim o perceptível é uma mera tela. Não se trata do visível e o invisível. Lacan avança em outra oposição, esquize do olho e o olhar.

Afirma que ainda que o mundo seja omnivoyeur, não é exibicionista, quando o olhar pode se tornar evidente e nos solicita, se torna inquietante. No estado da vigília o olhar é o que não se percebe, fica elidido.

Para falar da inquietude no campo escópico o jovem Lacan, recém excomungado, nos conta uma experiência própria junto a um pescador e uma lata de sardinhas que “brilha” no mar. O pescador muito risonho lhe diz: *Tá vendo aquela lata? Pois ela não tá te vendo não!* Lacan fica inquieto não entendendo a graça e diz: *“Ela me olha,... no nível do ponto luminoso onde está tudo o que me olha, e aqui não se trata de nenhuma metáfora”. “O quadro, certamente, está em meu olho. Mas eu, eu estou no quadro”.[[4]](#endnote-4)* Trata-se de um ponto de luz (em princípio sem sentido) que o mira. Não é gracioso porque ele tem passado de ser o que vê, a ser parte do quadro. O quadro o inclui quando estava tão tranquilo desde um ponto exterior. Ressalta a qualidade de estranheza que implica essa intrusão. Ali onde a gente acredita que arma um quadro, de pronto a contingencia aparece e nos transforma em mancha. As identificações não alcançam e aparece a pulsão e o objeto. Vamos pela vida com a imagem e a cena acomodada pelo ideal, mas de repente a realidade se mostra ao contrario e nos fazemos mancha, como quando nos apresentamos em público e este se transforma em um monte de latinhas. Se perdem as referencias, o valor da imagem que até agora constituía o mundo se intromete. O que é o que faz com que nos sintamos mirados?

Quando a realidade não está desinvestida libidinalmente há problemas clínicos. Inquietude, angustia e alucinações. Esta colocação fundamenta a tese de Lacan a respeito da percepção na experiência da psicose. Imagens que olham, intrusões do real no campo escópico. Abordagem que nos permite constatar e interrogar alguns fenómenos e casos clínicos à luz do império das imagens, onde prevalece este lado inquietante, onde o véu se desfaz e deixa passar um real. Surge então a oposição entre “isso mostra” e “isso olha”. Importantes para estabelecer uma clínica diferencial psicose-neurose.

Mauricio Tarraub[[5]](#endnote-5) afirma que na atualidade quando nos referimos ao império das imagens, podemos dizer que há imagens que mostram. Teremos que constatar cada vez de que modo fundam suas raízes. Mais adiante tomarei uma vinheta para elucidar esta questão.

**Função das telas. A esquize entre o olho e o olhar.**

Uma tela é algo que se utiliza tanto para cobrir algo, como para projetar uma imagem sobre si. As lâmpadas as utilizam para obstruir e filtrar o passo da luz. Fazer “tela” (“pantalla” em espanhol) é também fazer um álibi.

O fio lacaniano nos orienta a vincular esta ideia de tela ao marco da cena, ao fantasma na constituição do campo perceptivo. A tese fundamental de Lacan sobre o campo escópico onde não se percebe, não se sente, não se vê, não se experimenta a perda do objeto a. Poderia fazer esquecer da castração, podendo ser desangustiante e pacificador. É nosso labor como psicanalista localizar o objeto olhar. Objeto imperceptível, que se desliza mas que é janela que permite ver, função que sustém uma existência e a devasta ao mesmo tempo.

J.A.Miller em “Mostração em Premonté” assinala nessa direção: “Somente a condição que o objeto seja extraído se constitui a janela do fantasma. Assim é como o fantasma é moldura. Também é tela.”[[6]](#endnote-6) Outro valor é a “cena” do fantasma.” Valor acentuado em nossa orientação atual da psicanálise, e que poderia se articular a uma função possível.

Lacan no Seminário 13 enuncia: “O olhar é uma janela, fenda” Isso é um vazio”[[7]](#endnote-7). Acentuamos o operativo que pode ser situá-lo como vazio.

**A atualidade das telas**

Um longo caminho temos andado desde a época da unitela às multitelas. Já não se trata da TV como a protagonista da mesa familiar. O mundo da internet e a era global têm transformado nossas vidas. Hoje convivemos com multitelas que viajam em nossos bolsos e se metem por dentro das costuras e buracos do corpo nos fotografando. Várias luzes seguem acessas velando nossos sonhos. Vivemos um sonho de imagens que se refletem nas telas que poderiam nos cegar. Não somente olhamos essas telas senão que elas nos olham. Hoje o mundo é também exibicionista. Pareceria que para existir temos que ser vistos. Imperativo de ter os olhos bem abertos em uma sociedade da transparência. O visto pode funcionar como uma garantia fantasmática?

A hipótese é que são as telas que encarnariam a função que Lacan antes atribuia ao mundo. Se fosse assim: quais seriam as consequencias de que fossem as telas que suportassem essa função e não mais o mundo? Interessa-nos particularmente o impacto que se produz no corpo. A relação entre o virtual e o gozo do corpo. Hoje as imagens não só condensam gozo, mas também o produzem. A virtualidade daria consistência ao ser?

Nossa clínica atual está tomada por um corpo que tenta ser visível, transparente, sem segredos nem enigmas; mas há uma dificuldade crescente no enodamento corporal.

Gerard Wajcman desenvolve a incidência da ideologia sustentada na tecno-ciencia, a ideia que o real é susceptível de ultrapassar-se, que não há opacidade “Todo o real é visível”.[[8]](#endnote-8) Se não tem imagem não existiu. Há uma multiplicação e amplificação das próteses do olho e um empobrecimento do olhar que já não se oculta. Assinala que estamos um pouco perdidos entanto se apaga a esquize entre o campo e o fora do campo. “A psicanálise terá a possibilidade de jogar em seu domínio sendo que a já mencionada divisão opere, por fora de seu campo”.[[9]](#endnote-9)

**A função omnivoyuer-exibicionista. Questão de fenda**.

O mundo é omnivoyeur e afirmamos anteriormente que hoje é também exibicionista. Está a perversão em jogo? De que forma fazemos uso deste conceito? Revisitamos o conceito de perversão. Freud nos falava da criança como perverso polimorfo no seu desenvolvimento e a perversão como o negativo da neurose.

Lacan no Seminário 6, começa uma investigação sobre o que significa o laço perverso, tomando-o em um sentido amplo, em relação com o sentido da realidade: “A formação perversa como um meio para o sujeito de se precaver. Uma tábua de salvação que permite assegurar ao sujeito uma realidade continua.”[[10]](#endnote-10) Casualmente nomeia a esta função de continuidade: “omnipresença da função perversa”. Se busca a continuidade, já que se aparece o corte terminaria o gozo da clandestinidade.

Recortamos a importância da fenda para o voyeur, elemento totalmente indispensável, onde está em jogo o apoio que brinda o objeto, o visto está involucrado, forma parte do fantasma, da cena. O objeto está aberto, algo se presta à função do espetáculo, participa da indiscrição. O prazer é capturar o segredo do outro. O perverso está em posição de saber esse segredo.

“Sem importar qual seja a forma em que se apresente – persiana ou telescópio ou qualquer tela –, a fenda é o que faz que o perverso entre no desejo do Outro”.[[11]](#endnote-11) Se tratará de elucidar essa fenda como mistério, como segredo. Nesta estruturação do desejo, o perverso com sua solução aponta ao desejo do Outro e acredita ver ali um objeto. A partir do fantasma do perverso Lacan nos mostra a função que cumpre o sujeito neurótico em seu próprio fantasma.

Tanto o voyeur como o exibicionista, se situam paradoxalmente em posições paralelas. Ambos na fenda, algo que no real é ao mesmo tempo buraco e relâmpago, o voyeur espiona por trás de sua persiana e o exibicionista entreabre sua própria tela (há um jogo clássico onde abre e fecha sua braguilha, movimento que vela e mostra).

No ponto de partida da neurose há uma cena “entrevista”, a chamada cena primária. Se essa cena participa da estrutura o faz invertendo-a. O sujeito percebe uma brecha cujo valor traumático tem relação com o desejo entrevisto percebido como tal do Outro.

No ato do voyeurista e o exibicionista podemos ver se encarnar as modalidades do fantasma inconsciente. Eles nos demonstram com seu ato uma implicação do sujeito muito distinta do sujeito da representação.

No Sem 16 Lacan diz que “o perverso se dedica a tampar o buraco no Outro” [[12]](#endnote-12). Partidário e fanático, poderíamos dizer, da existência do Outro. É um defensor dessa fé.

Hoje todos perversos sustentando um Outro omnividente? Ali poderíamos nos orientar com Kant com Sade. A sustentação do imperativo e seu avesso, o sadismo pulsional.

**O grande segredo da psicanálise:**

**Não há Outro do Outro. Não há relação sexual.**

J.A-Miller afirma na sua conferência de Genebra que esta fórmula é uma verdade oculta para os próprios analistas e propõe que seja uma bússola. Ele se pergunta se somente por ter sido pronunciada por Lacan em 1959 no seu Seminário levanta o véu que envolvia ao Outro sem Outro. Aqui estamos, sob as luzes do Enapol dando voltas a esse véu envolvente.

Lacan tem sido entendido acentuando o pai que normatiza – esse leva à psicose. A metáfora paterna é também uma **Père-versão[[13]](#endnote-13)**, versão do pai que faz de uma mulher seu objeto a, causa de desejo. Coloca a uma mulher com sua condição de fetiche.

Ligar o pai ao *objeto a* imprime uma nova orientação para o real, instala uma resposta à clínica atual. Este modelo de pai-versão, traça uma via singular de gozo que não seja o excesso ilimitado.

Em uma de nossas reuniões de cartel, equipe de trabalho para esta investigação, temos um encontro com “Um segredo” que nos divide. A cena começa com o relato do lapsus de uma colega, que concernida com as luzes do Enapol, conta ter utilizado o controle remoto da TV enfocando ao espelho localizado ao seu lado. Nós rimos! Interrogamos se algo que excede ao controle do eu quer fazer andar o espelho. Do estádio do espelho às telas, é o mesmo esta vez que dos plasmas-tv ao espelho? Damos voltas em torno a varias perguntas: As telas *gadget* ou fantasma? Múltiplas telas e unitelas com múltiplas funções. Acordam ou adormecem? Imagens que fascinam e também dispositivos que vigiam e controlam. Quando acreditamos entender algo o sentido nos escapa uma e outra vez, qual o olhar que se desliza…

Falamos do lugar da vergonha no porvir da psicanálise. Quando a imagem não alcança para capturar o real, outro relato nos confronta com a experiência de um analista que se encontra com a cegueira de uma paciente em um corredor escuro. Esta não podia chegar ao consultório e pede desculpas por não tê-lo dito. O mal entendido inscreve um ponto cego?

Finalmente do olho absoluto ao olhar. E a arte uma vez mais nos leva a dianteira. Um quadro pendurado em meu consultório nos interpreta. Seu nome: O segredo. Nos olha! O “atrapadesejos” nos leva da tragédia ao cômico uma vez mais.

**Função do fantasma**

Ao falar do trauma, Miller na sua leitura do Seminário 6 propõe dar seu lugar ao uso e função do fantasma e em particular ao uso do fantasma como defesa.

É importante distinguir nas apresentações atuais aquelas onde se coloca em jogo a rejeição do inconsciente, o fantasma como defesa; daquelas onde a foraclusão do Nome-do-Pai tem operado. Onde o fantasma não tem operado, as telas podem funcionar a modo de substituição. Em alguns casos a imagem é intrusiva e em outros pode servir como um elemento que sustenta, que cobre; condições para que algo do corpo possa ser tocado.

**Quando a imagem toca o real. Eficácia**.

No começo do seu ensino Jaques Lacan abordou a constituição do sujeito a partir do imaginário. No seu texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, propõe que através da imagem do outro o sujeito constitui sua própria imagem. Se interessa pela imagem no seu estatuto de real, no poder real da imagem. Apoia-se em experiências da etologia onde se demonstra que a condição de possibilidade de reprodução sexual de uma pomba incluía a percepção da imagem de outra pomba em um momento dado de seu desenvolvimento. Refere a um poder imediatamente eficaz, consequências no real mais real, condição de realização do lado da vida. Isso é o que assinala Lacan e constrói o estádio do espelho a partir dessa orientação. A unidade do corpo não vem das sensações orgânicas do próprio corpo senão da imagem encontrada no espelho ou do outro semelhante. A imagem disfarça o corpo até agora fragmentado e da unidade ao que não o tem. Para a criança humana a imagem não se produz sem o Outro da linguagem que permite ou não que essa ilusão funcione.

¿Quando essa ilusão será eficaz? O laço entre a imagem e o organismo tem relação com as experiências de gozo. As zonas erógenas, pontos de abertura do corpo, permitem um intercambio entre o corpo e o mundo exterior. Os *objetos a* como heterogêneos à imagem, já que provém do corpo organismo dão uma ancoragem às zonas erógenas. É a linguagem a que permite localizar essas experiências dentro da imagem, associado ao júbilo, prazer do olhar. Mas também, estes objetos podem ser ponto de encontro entre o organismo e a imagem corporal, mas também de confrontação provocando angustia e horror. Quando deixam de estar incluídos no marco da imagem corporal, como unidade no seu valor fálico, são puro real e funcionam mais em relação com o caos, corpo fragmentado do organismo.

**Imaginário de uma nova clínica?**

No começo do ensino lacaniano, ali está o imaginário e no ultimíssimo nos fala de imaginarizar o real. J.A.Miller propõe: “nós temos que nos acostumar ao rebaixamento do simbólico. Ele é inadequado ao real”[[14]](#endnote-14). Assim o imaginário que gozava de certo desprestigio, retoma sua função e o real do corpo nos orienta.

Os avanços da tecnociência tem mudado algo no esquema da imagem do corpo e fragmentação corporal. O corpo se fragmenta e há novas imagens vistas somente pelo olho da ciência atrás de uma máquina. Se apresenta diante de nossa mirada, um caos interior que angustia.

M. H. Brouse en “Corpos lacanianos”, sustenta que há uma expansão do império das imagens que não são reguladas pelo mundo da linguagem senão pela escrita científica. Haveria uma decadência do ideal do eu e um desenvolvimento do eu ideal.

Frente à proliferação de imagens que pareciam empurrar a fazer existir, a fazer visível o que outrora permaneceu oculto, J. A. Miller interpreta que da prova de que não há relação sexual no real, somente há diversidade de fantasmas. Se intentará fazer operativo cada vez outro oráculo e profecia lacaniana “Não há Outro do Outro” e “Não há relação sexual”. Em paralelo, a tecnociência, com seu aliado o capitalismo imprime “Todo o real deve ser visível”.

A sociedade que exige a exposição da intimidade é em essência pornográfica, se renuncia à peculiaridade. Segundo Byung Chul Han “a pornografia é o contato direto entre a imagem e o olho”.[[15]](#endnote-15) O empuxe a ser transformado em imagens está ao serviço de tamponar o buraco da não relação sexual. O singular não desaparece na escuridão, senão no excesso de iluminação. O segredo não viria do reprimido como na época vitoriana de Freud, senão no excesso de luz ou transparência entre iguais, regime de um gozo absolutizado. Quando a cena espectral se quebra.

**Reprodução Assistida. Escrituras**

Transmitirei uma vinheta onde a reprodução sexual é assistida pela ciência. O encontro com R começa em um hospital no programa do qual havia ficado fora por não ter mais óvulos – uma imagem ecográfica a nomeia vazia. Poderíamos dizer que R vinha de um primeiro tempo de fanatismo onde o corpo era nomeado por uma serie de patologias (hipertireoidismo, hepatite, hepatite B). Corpo convertido em um mapa a ser olhado, recortado, classificado e mortificado. A sexualidade parece ausente. Tempo de escrita científica com intervenções sem êxito, mas continuadas sem poder frear.

Não obstante, o encontro com um analista demonstra seus efeitos. Um primeiro recurso no tratamento será “o cultivo da imagem”, o vestir seu corpo. Entrarão em cena, vergonha, inibições e temor a por o corpo para ser mãe.

O segredo, o traumático e sua defesa também entrarão em cena. Extrai do relato de uma mãe devastadora, uma foto própria, que sua mãe tinha no bolso no momento de se suicidar.

Será o procedimento com a imagem, uma vez mais, a que ajuda a tomar uma decisão. Aceita uma doação de óvulos entanto a doadora “se pareça comigo”. Até ali a ciência a complementa, buscando um fenótipo similar. Logo transmite certa ilusão de que poderia se parecer a seu marido. Algo dele faz de parceiro ao aceso ao feminino. Fica grávida no primeiro intento. Isolar certas condições do objeto teria efeitos.

Nos perguntamos quanto da imagem pode tocar o gozo do corpo de um sujeito? Efeitos reais da imagem? Esse é o ponto que ilumina Lacan temperadamente com o exemplo da reprodução da pomba. Nos toca elucidar a eficácia para o ser falante que não é totalmente uma pomba. O mistério que enoda um corpo e seu dizer além da Gestalt unificadora. Com a atualidade das telas restituamos sua função cada vez.

Em tempos em que o simbólico não é mais o que era e o imaginário marca sua presença em nossos consultórios, nos orientamos pelo real.

Nisso estamos. Conversando entre as luzes do Enapol.

María Laura Errecarte

Traduccion: Iordan Gurgel.

1. Lacan,Jacques, O Seminario. Livro 11.“Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, JZE, Rio de Janeiro, 1979, pag 76. [↑](#endnote-ref-1)
2. Ibid. [↑](#endnote-ref-2)
3. Ibid. [↑](#endnote-ref-3)
4. Ibid. Pag 103. [↑](#endnote-ref-4)
5. Mauricio Tarrab. Conferencia en San Pablo. Radio Lacan. [↑](#endnote-ref-5)
6. Miller. J.A. Matemas I. Ed Manantial.. pag 171. [↑](#endnote-ref-6)
7. Lacan. Seminario 13. Inedito. [↑](#endnote-ref-7)
8. Wajman, Gerard. “El ojo absoluto”. Ed. Manantial. Pag 22. [↑](#endnote-ref-8)
9. Wajman, Gerard. Entrevista realizada por Marie. H. Brousse. [↑](#endnote-ref-9)
10. LacanJ. El seminario libro 6 “El deseo y su interpretación”. Pag 400. [↑](#endnote-ref-10)
11. Ibid. Pag 466. [↑](#endnote-ref-11)
12. Lacan. Seminario. Libro 16. Pag.231 [↑](#endnote-ref-12)
13. Lacan. Seminario 22. R.S.I. inédito .clase del [↑](#endnote-ref-13)
14. Miller: El ultimísimo Lacan”. Ed. Paidos. Año 2012. Pag.192. [↑](#endnote-ref-14)
15. Byung Chul Han, La sociedad de la transparencia. Ed. Herder. Barcelona, 2013. [↑](#endnote-ref-15)